

Transformação Digital de Bibliotecas Escolares: Do Local para a Rede *Online*

Patrícia Saldanha¹, Ederson Luiz Locatelli¹

¹Colégios e Unidades Sociais da Rede Marista

Rua Irmão José Otão, n.11 – CEP 90035-060 – Porto Alegre – RS - Brasil

{patricia.saldanha,ederson.locatelli}@maristas.org.br

Abstract. *This paper aims to report on how the library service has been reconfigured, considering social isolation, in order to be able to integrate itself into the school's pedagogical processes. The context is the Marist Network of schools; the methodology is qualitative and descriptive; and the technical procedures are bibliographic survey, case study, and document analysis concerning data from the online live of teaching practices and the Reading Mediation channel on Stream. The two actions provided the reconfiguration of the library service, moving from a totally physical presence to an online environment, enhancing its local actions in the network and for the network.*

Resumo. *O presente trabalho tem como objetivo fazer um relato sobre como o serviço de biblioteca tem se reconfigurado, considerando o isolamento social, para dar conta de se integrar aos processos pedagógicos da escola. O contexto é a Rede Marista de colégios; a metodologia é qualitativa e descritiva; e os procedimentos técnicos, levantamento bibliográfico, estudo de caso e análise documental, considerando os dados da live de práticas pedagógicas online e o canal Mediação de Leitura no Stream. As duas ações proporcionaram a reconfiguração do serviço de biblioteca, passando de uma atuação totalmente presencial física para a online, potencializando suas ações locais na rede e para rede.*

1. Introdução

Que as tecnologias digitais vinham perpassando os vários setores da sociedade e mudando nossas rotinas já era de conhecimento de todos. Contudo, o que não estava no horizonte da humanidade era uma pandemia que poderia, em tão pouco tempo, fazer com que todos ficassem em casa evitando o contágio da doença – e tendo como meio de interação a internet. Na chamada quarentena, voluntariamente e/ou por imposição legal, todos passaram a ficar em suas casas e, a partir desse local físico, tiveram de dar conta do trabalho, dos estudos e da interação social, quase que unicamente pela mediação tecnológica. O que Castells descreveu em sua obra “A Sociedade em Rede” nunca fez tanto sentido como agora, pois, para ele, a

topologia definida por rede determina que a distância (ou intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de

uma rede do que se não pertencesse à mesma rede [Castells 2007 p. 566, grifo nosso].

De acordo com Castells, o que estamos experienciando é um aumento significativo da intensidade e frequência da interação, provocado pela quarentena. Vale lembrar que a potência estabelecida pela relação entre o social e os objetos técnicos gera a cibercultura. Para Lemos (2002, p. 23), em “Viagem a partir do meu Quarto”, “[...] o ciberespaço é um espaço de fluxos. Ele nos coloca em meio a processos de mobilidade imóvel, ou imobilidade móvel, de contatos sem presença física, de deslocamentos imaginários.” Portanto, ao mesmo tempo em que estamos fisicamente isolados em casa por conta da pandemia de Covid-19, podemos nos deslocar pelo imaginário sem limites. Tudo isso que estamos vivendo é, num certo sentido, negativo; mas, por outro lado, a experiência tem nos trazido contribuições positivas, tais como visitar algumas práticas das quais, com o corre-corre do dia a dia, tínhamos nos afastado.

Nesse sentido, as práticas leitoras e as novas práticas e metodologias de ensino e aprendizagem trouxeram a necessidade de um outro olhar para a leitura. Por isso, a biblioteca escolar – cujas atividades, durante muitos anos, restringiram-se ao atendimento presencial físico – necessitou ser reconfigurada. Assim, a biblioteca passou a ser compreendida como um ambiente de aprendizagem, ofertando não só materiais de leitura, mas atividades que estejam em consonância com a proposta pedagógica da escola, auxiliando efetivamente os professores nos projetos desenvolvidos.

Dado o contexto em que estamos vivendo, o presente trabalho tem como objetivo principal fazer um relato sobre como o serviço de biblioteca tem se reconfigurado, considerando o isolamento social, para dar conta de se integrar aos processos pedagógicos da escola, tais como contribuições ao currículo, formação cultural de estudantes e de professores, entre outros.

2. Bibliotecas escolares

No contexto atual, por muitos entendido por meio do conceito de sociedade da informação e do conhecimento, a aprendizagem mobiliza novas estruturas em todas as instâncias das organizações. Nesse sentido, a informação torna-se elemento fundamental para a produção do conhecimento, assim como para as mudanças sociais, culturais, tecnológicas e políticas que provocaram um grande avanço nos meios de comunicação e informação. Aliadas a isso, as práticas leitoras e as novas práticas e metodologias trouxeram a necessidade de um outro olhar para a biblioteca escolar, que, durante muitos anos, foi vista tradicionalmente como local de silêncio, castigo, acesso restrito à informação e armazenamento de livros, tornando-se sem sentido para muitos que por ela passaram. Com as transformações da sociedade e os acessos aos múltiplos suportes de informação, as bibliotecas vêm se transformando em espaços de aprendizagem, de produção do conhecimento, de uso da informação, de auxílio na tomada de uma postura científica, de estímulo ao enriquecimento cultural, de promoção da leitura e apreciação literária.

Prado (1992, p. 9) já sinalizava, em sua obra, que a função da biblioteca escolar é de “**agente educacional**, proporcionando enriquecimento da cultura do aluno nos diferentes campos, oportunidade para o seu desenvolvimento social e intelectual, e horas de distração através de livros de leitura recreativa”. Sendo assim, a biblioteca deve ser vista como espaço promotor dos processos de ensino e de aprendizagem, ofertando

materiais e serviços para o desenvolvimento de habilidades e competências de leitura, escrita e uso da informação. Além de oferecer um efetivo apoio pedagógico ao trabalho da coordenação e dos professores, cabe à biblioteca, por meio de seus serviços e produtos, auxiliar no desenvolvimento de competências dos estudantes. Portanto, tal espaço, no contexto atual, deve ser dinâmico e prestar variados serviços à comunidade, tornando-se cada vez mais acolhedor e motivador.

A biblioteca escolar tem as suas especificidades, pois está voltada para o público da Educação Básica, sejam eles professores, gestores e, principalmente, estudantes. Considerando que esse nível educacional contempla o período da Educação Infantil até o Ensino Médio, as suas demandas devem satisfazer as necessidades desse público amplo em questão. Enquanto agente de apoio pedagógico, o local deve ter um modelo próprio de implementação diferente de outros tipos de bibliotecas. Nessa perspectiva, segundo Durban Rocca (2012, p. 24), “[...] não se trata unicamente de implementar uma biblioteca em um contexto escolar, mas da ideia de que o conceito de biblioteca enquanto centro de recursos, é neste caso orientado pelo processo educacional”.

Assim, os recursos, os serviços e os produtos oferecidos pela biblioteca devem ajudar no desenvolvimento da proposta curricular – e serem demandados, principalmente, por essa proposta. Não se trata de criar um conceito para a biblioteca escolar, mas de adaptar a realidade da biblioteca às práticas metodológicas existentes na escola, inserindo-a no Projeto Político-Pedagógico.

A diretrizes da International Federation of Library Association and Institutions (IFLA) para a biblioteca escolar, atualizadas em 2015, destacam que as bibliotecas escolares, compreendidas como ambientes de aprendizagem, oferecem espaços, recursos e serviços (físicos ou digitais) com foco no apoio e na promoção da aprendizagem dos alunos, individualmente ou em grupos, dando ênfase a conteúdos intelectuais, literacia da informação e desenvolvimento cultural e social. Assim, as diretrizes apontam que:

A biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural [IFLA 2015, p. 19].

Para que a biblioteca cumpra a sua missão e finalidade, o local deve: constituir-se enquanto um espaço de informação acessível a todos, oferecendo diversas fontes em variados suportes, sejam eles físicos ou digitais; incentivar e apoiar a curiosidade, a criatividade e o desejo de aprender dos estudantes, de forma que possam explorar diferentes assuntos e temas; desenvolver competência informacional, na busca, no uso e na produção da informação, bem como a competência leitora – por meio não só de ações que fomentem e incentivem a leitura, mas também de processos que capacitem os estudantes para alcançarem o nível de literacia –; e ser um espaço de socialização e tomada de consciência cultural.

A biblioteca escolar, assim, tem uma dimensão educacional de grande relevância, vinculada necessariamente às práticas de ensino e aprendizagem, contribuindo ao contexto escolar de forma efetiva. Nessa perspectiva, o espaço deve funcionar como um laboratório de aprendizagem que proporcione ações que favoreçam a produção de conhecimento, o

desenvolvimento cultural e científico, o incentivo à leitura e a formação do leitor, sempre em estreita sintonia com a proposta educativa da escola.

Desse modo,

[...] a biblioteca deve ser pensada como um espaço onde crianças, jovens e adolescentes sejam mais que consumidores culturais. Sejam criadores de cultura, compartilhem experiências, crie ambiente de aprendizado, sejam capazes de redescobrir e ampliar seus conhecimentos, de opinar, avaliar criticamente, desenvolver pesquisas e aptidão para a leitura [Côrte e Bandeira 2011, p. 8].

Ao destacarem que crianças, adolescentes e jovens são produtores de cultura, Côrte e Bandeira apontam que se deve facilitar a utilização da biblioteca, de forma a contribuir para a construção da autonomia dos estudantes. Nesse sentido, tal espaço pode se tornar uma referência na promoção da leitura e da pesquisa científica, exercendo, assim, a sua função social.

Durban Rocca (2012) sublinha que a biblioteca escolar deve estar localizada dentro das sequências formativas que deverão responder a intervenções didáticas de um projeto. Com isso, pode-se entender que, embora a biblioteca tenha uma programação própria, tal programação não pode estar desvinculada dos objetivos de aprendizagem e das práticas metodológicas. A autora ainda afirma que, embora os professores estimulem os alunos a frequentar a biblioteca, é fundamental que esse uso seja significativo, sendo necessário estabelecer um contínuo fluxo de interação entre os professores e esse espaço. Nesse âmbito, além das contribuições que a biblioteca oferece ao currículo da escola, ela exerce um papel importante na formação dos professores, proporcionando intervenções alinhadas às práticas pedagógicas e mantendo uma constante comunicação com esse público.

Entretanto, tal movimento deve ser dialógico, ou seja, ocorrer tanto por parte dos bibliotecários quanto dos professores. Aos bibliotecários, compete não só o conhecimento de conceitos e práticas biblioteconômicas, inerentes à formação, mas o entendimento de como são concebidos os processos de ensino e aprendizagem; os sujeitos, contextos e subjetividades que compõem a escola; e o ambiente de aprendizagem que é tecido nas intencionalidades do currículo. Por outro lado, a existência da biblioteca deve ser vista pelos professores não somente como um elemento físico, mas como um espaço educacional. A sua visibilidade, assim, deve conferir valor ao seu sentido de existir, à sua utilidade e ao seu efetivo uso – caso contrário, ela se tornará apenas um depósito de materiais.

Para dar conta dessas abordagens e potencializar o uso desses espaços, faz-se necessária uma contínua formação por parte de bibliotecários e professores. Sabe-se, no entanto, que, para que essas trocas sejam efetivas, as instituições educacionais precisam oferecer espaços e tempos para que tais formações ocorram. Nesse sentido, a cultura digital trouxe consigo substanciais mudanças na sociedade, na cultura, na economia e nas relações, fornecendo recursos para potencializar a aprendizagem mútua.

Para Di Felice (2011-2012, p. 13),

[...] uma nova cultura tecnológica e comunicativa marca o cotidiano e a existência das novas gerações que vivem em contextos sociais e

mediáticos digitais, e que produzem alterações qualitativas na política, na democracia e na forma de pensar a sociedade.

Conforme o autor, essa nova cultura de crianças e adolescentes que habitam o espaço da escola precisa ser considerada; e, portanto, os processos pedagógicos devem estar adequadamente alinhados a esses perfis.

Historicamente, as bibliotecas tiveram um grande impacto com o advento das tecnologias, o que alterou não somente a sua forma de funcionar, como particularmente o seu objeto de trabalho: a informação. Assim como as pesquisas sobre o comportamento dos usuários, os estudos atinentes a produção e comunicação científica se intensificaram na perspectiva do fluxo informacional, de modo que as linguagens e formas de classificação e indexação tiveram relevantes mudanças com o uso das tecnologias e da inserção do ambiente *web*.

O conceito de mediação da informação determina o envolvimento dos sujeitos, daqueles que produzem, acessam e consomem conteúdo. Além disso, há aqueles que organizam e disponibilizam meios e recursos para disseminar as informações produzidas – como é o caso dos bibliotecários. Assim, as bibliotecas escolares estão inseridas nessas relações e requerem essa competência na mediação por parte dos bibliotecários.

Para Almeida Junior e Santos Neto (2014, p. 9),

A mediação da informação está presente em todas as atividades do profissional da informação, serviço de referência, atividades culturais, contação de histórias, e, inclusive no processamento técnico, ou seja, classificação e catalogação, que fazem parte da organização do conhecimento.

Com isso, espaços virtuais e outros contornos digitais oferecem insumos para uma mediação mais ampla, de forma que possa permitir uma troca de aprendizagens mais efetiva entre professores e bibliotecários.

À luz dessa perspectiva, com a incidência da pandemia e a suspensão das aulas presenciais, a Rede Marista passou a oferecer momentos de formação utilizando recursos tecnológicos, abrangendo um público maior de educadores, criando um espaço de discussão, de reflexão e, conseqüentemente, de potencialização das práticas pedagógicas. Assim, foram oferecidas *lives* de práticas pedagógicas *online*; e foram contempladas, nesses momentos, ações como a formação com a temática de mediação de leitura e a oferta *online* dos serviços da biblioteca. Tais experiências estão contempladas na proposta curricular, haja vista as intencionalidades do currículo marista, que propõe ações que desenvolvam competência e autonomia dos estudantes para que possam ampliar seus repertórios e ter um olhar crítico aos contextos que os cercam.

3. Metodologia

Este relato tem como contexto a Rede Marista de colégios e unidade sociais, a qual se faz presente em 16 cidades no Rio Grande do Sul, sete na Região Amazônica e uma em Brasília. A Rede Marista é constituída por 19 Colégios pagos, oito Escolas Sociais gratuitas e nove Centros Sociais, além de abranger a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o Hospital São Lucas e o Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (InsCer), incluindo ainda a atuação missionária e pastoral em diversos

municípios. No total, conta com mais de 47 mil estudantes e educandos, além de realizar, em média, cerca de 280 mil atendimentos por ano na área da saúde.¹ Em toda a Rede, no que se refere à Educação Básica, que é o foco deste relato, a instituição conta com 1.122 professores e 22.631 estudantes distribuídos em 840 turmas².

Os colégios e unidades sociais da Rede Marista contam com 23 bibliotecas, divididas em 13 cidades no Rio Grande do Sul, em Brasília e no Mato Grosso. Dessas escolas, 19 pertencem aos colégios pagos, que atendem a alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio; uma biblioteca pertence a uma escola social de Ensino Fundamental; uma pertence a uma escola social de Ensino Médio; e duas delas pertencem a escolas de Educação de Jovens e Adultos. As bibliotecas contam com o trabalho de 63 educadores, entre bibliotecários, auxiliares e assistentes de bibliotecas.

Com o intuito de clarificar o percurso adotado, observamos que, do ponto de vista da abordagem, a metodologia deste relato se configura como qualitativa, pois trabalha mais com a subjetividade; é flexível e processual; e descobre e produz os dados, contrapondo-se à abordagem quantitativa. Para Silva e Menezes (2001, p. 20), a abordagem qualitativa “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.”

Do ponto de vista de seus objetivos [Gil 1991], a metodologia configura-se como pesquisa descritiva, modalidade que visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou a estabelecer relações entre variáveis. Envolve, enquanto procedimentos técnicos, levantamento bibliográfico, estudo de caso e análise documental. Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real [Yin 2005, p. 19]. Além do estudo de caso, a pesquisa, quanto a seus procedimentos técnicos, realiza uma análise documental, pois a fonte de evidência para este estudo é a documentação obtida por meio de vídeos em ambiente *online*.

Para o levantamento de dados, são consideradas duas ações: 1) *live* de práticas pedagógicas *online*; e 2) canal Mediação de Leitura no Stream³.

1. Live de práticas pedagógicas *online* – evento criado pela Rede Marista para todos os seus educadores. Constituiu-se de relatos de práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias, em virtude do contexto da pandemia. Teve o objetivo de aumentar o repertório técnico-pedagógico dos professores e educadores para que pudessem dar conta dos processos de ensino e aprendizagem nessa nova realidade. Os educadores que trabalham nas bibliotecas participaram da iniciativa por meio de dois relatos, os quais são mais bem detalhados a seguir.

¹ Mais informações disponíveis em: <https://redemarista.org.br/sobre>.

² Dados coletados no PowerBI da Rede em 11/06/2020.

³ Stream é um aplicativo corporativo do Office 365 que possibilita a hospedagem e o compartilhamento de vídeos. Mais informações disponíveis em: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-365/microsoft-stream>.

2. **Canal Mediação de Leitura no Stream** – canal criado pelos bibliotecários para hospedar e compartilhar mediação de leitura e, assim, oferecer a professores e estudantes materiais que fazem parte do serviço da biblioteca.

4. Análise dos dados coletados e resultados

Para uma análise detalhada dos dados e o estabelecimento de uma reflexão, são apresentados os dados das *lives* e, em seguida, os dados do canal Mediação de Leitura. A análise dos dados ocorreu no período de março a junho de 2020. Tanto as *Lives*, quanto a inserção do canal teve início em março, na segunda semana após o encerramento das atividades presenciais.

4.1. Live de práticas pedagógicas *online*

Conforme foi descrito anteriormente, a *live* de práticas pedagógicas *online* foi um evento criado com o objetivo de compartilhar práticas pedagógicas mediadas por tecnologias nestes tempos de pandemia. Todos os encontros ocorreram ao final da tarde, ao longo da semana, e tiveram como público-alvo professores e educadores.

Para cada relato, estabeleceu-se o seguinte fluxo: indicação do tema e dos apresentadores; e reunião de alinhamento para explicar o objetivo e a organização do encontro: duração, materiais a serem apresentados, título, interação com os participantes etc. Ao longo das semanas, tivemos duas propostas de *live* considerando o período de análise dos dados, as quais são descritas a seguir:

- a) Mediação de leitura – objetivou desenvolver atividades de incentivo à leitura e à formação do leitor, apresentada por três bibliotecárias de dois colégios, com um público de 228 participantes da Rede Marista;
- b) Biblioteca *online* no Marista Virtual 3.0 – objetivou mostrar como o serviço de biblioteca de um colégio organizou o seu trabalho no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), chamado Marista Virtual 3.0, para que professores e estudantes continuassem tendo acesso aos serviços. Apresentada por duas bibliotecárias e uma coordenadora pedagógica, essa *live* teve um público de 94 participantes da Rede Marista.

Ao todo, nos dois encontros, tivemos um total de 322 participantes; e, além do momento síncrono, as *lives* ficaram gravadas e foram disponibilizadas no canal do evento no Stream para acesso aos educadores da Rede Marista poder assisti-las em outro momento. Além disso, tal processo foi uma forma de ir documentando todas as *lives*, que têm abrangido diferentes temas.

Para essas duas ofertas que foram especificamente propostas pelo serviço de biblioteca, as gravações tiveram a seguinte visualização: 1) Mediação de leitura: 33 visualizações; 2) Biblioteca *online* no Marista Virtual 3.0: 15 visualizações. Ao se refletir sobre as participações e as visualizações das ofertas, fica evidente que a interação síncrona teve um público maior, pois é um momento em que se pode interagir diretamente com quem estava apresentando. Além disso, a *live* de mediação de leitura aconteceu na segunda semana do evento e na terceira semana da quarentena; isso quer dizer que se tratava de algo novo aos professores – ou seja, era um período em que todos estavam buscando alternativas para lidar com um momento tão novo.

Um outro aspecto importante a pontuar é que, no início da quarentena, todos imaginavam que o isolamento teria a duração de algumas semanas, o que não aconteceu. Com o prolongamento desse período, o canal de vídeos foi sendo munido de mais conteúdo, conforme é descrito a seguir.

4.2. Canal Mediação de Leitura no Stream

O canal Mediação de Leitura⁴ foi criado pela Supervisão de Bibliotecas dos colégios da Rede Marista para que as equipes pudessem criar, hospedar e disponibilizar leituras feitas por elas a toda a Rede, tornando o acervo um material pedagógico a ser usado pelos professores e estudantes. O canal foi criado depois da primeira apresentação da *live* sobre mediação de leitura. Portanto, foi um resultado do evento.

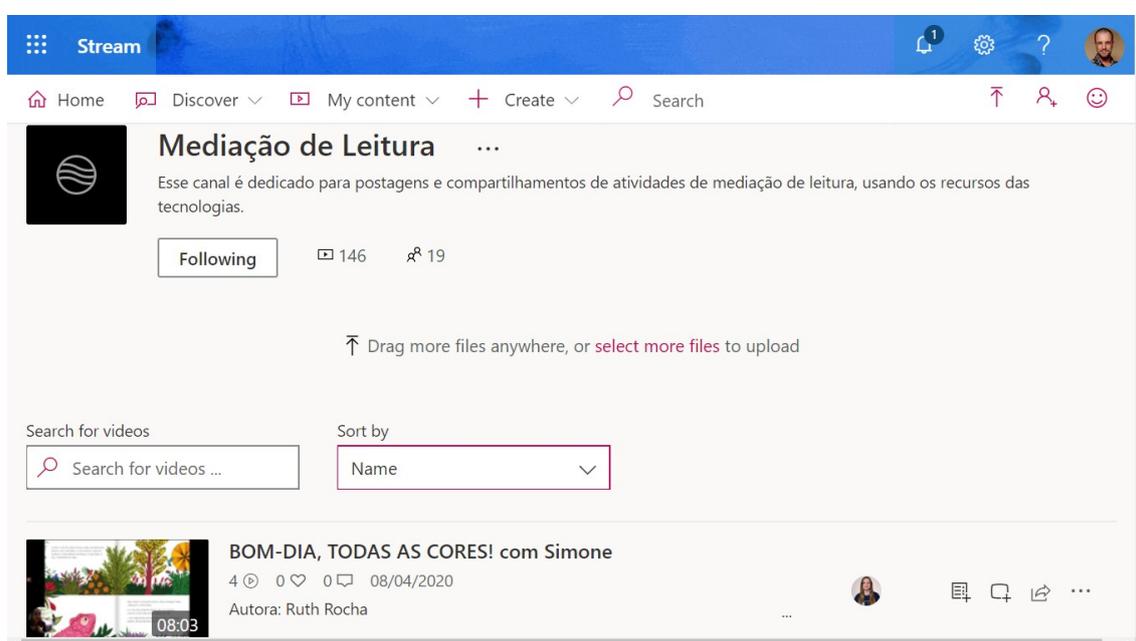


Figura 1. Imagem do canal Mediação de Leitura no Stream

Compartilhado entre todas as equipes das bibliotecas e disponibilizado a toda a Rede, o canal conta com 98 vídeos postados⁵. Abaixo, segue a lista com os 10 vídeos mais visualizados.

⁴ Link do canal: <https://web.microsoftstream.com/channel/a6b79c6b-90e2-4788-a718-c82ca3fe5206>

⁵ Dado coletado no dia 11/06/20.

Tabela 1. Lista dos 10 vídeos mais visualizados no canal Mediação de Leitura

	Título	Visualizações	Curtidas	Comentários
1	O Catador de pensamentos	78	4	14
2	Cidinha e a pulga da Cidinha	65	2	0
3	Nosso amigo ventinho	60	3	3
4	A velhinha que dava nome às coisas	55	2	6
5	Quando nasce um monstro	51	6	0
6	O patinho feio	40	0	0
7	O saco	35	0	0
8	O camelo, o burro e a água	33	8	0
9	Harry Potter e a pedra filosofal	12	0	0
10	Xarope de cores	11	1	1

Importante perceber que os dados evidenciam um grande número de vídeos postados, uma crescente visualização e algumas poucas interações – ou seja, há algumas curtidas e poucos comentários. Isso evidencia que, embora exista consumo do material, há pouca intervenção do público. Vale ressaltar que esse não é um espaço formal de interação e, portanto, pode ser que o retorno dos estudantes se dê no ambiente virtual de aprendizagem.

Entretanto, novas formas de interação foram estabelecidas – e a biblioteca, que tinha uma atuação totalmente presencial, passou a ter uma atuação *online*. Nesse sentido, de acordo com Di Felice, uma configuração como essa faz surgir

[...] não somente uma nova forma de interação, consequência de uma inovação tecnológica que altera o modo de comunicar e seus significados, mas também os pressupostos e as características de uma nova arquitetura social que estimula inéditas práticas interativas entre nós e as tecnologias de informação [Di Felice 2011-2012, p. 16].

A pandemia tem proporcionado uma nova arquitetura social; e, com isso, o serviço de biblioteca tem se inserido num contexto de interação todos para todos, em que todas as bibliotecas podem postar material no canal e toda a rede de colégios pode acessar tal conteúdo. Além disso, o conteúdo disponibilizado necessita de uma mediação pedagógica, pois a biblioteca se insere num projeto de escola e contribui para suas práticas pedagógicas.

5. Considerações finais

Conforme mencionado, a pandemia de Covid-19 fez com que todos ficassem em isolamento físico, mas conectados a partir dos dispositivos tecnológicos digitais por meio da internet. Com isso, ao mesmo tempo em que a escola teve de reinventar a sua práxis pedagógica, que era totalmente presencial e passou a ser totalmente *online*, as bibliotecas foram desafiadas a reconfigurar e transformar suas práticas.

As duas ações analisadas proporcionaram ao serviço de biblioteca uma integração ao projeto de escola, que, no atual contexto de pandemia, está totalmente mediado pelas tecnologias digitais. Com isso, há o estreitamento de laços entre o serviço e

o principal público do setor na escola, que abrange professores e estudantes. Diante dessas ações *online*, as possibilidades de formação, interação e troca de aprendizagens se iniciaram, ganharam novos contornos e criaram novos espaços de construção de saberes, que se ampliaram em nível de rede e de conexão com os educadores. Contudo, há um aspecto no qual se pode avançar: ir além da disponibilização de conteúdo e promover uma maior interação entre bibliotecários, professores e estudantes.

Além disso, essas ações *online* têm promovido uma cultura de rede, pois são vários nós de uma mesma rede que vão formando uma tessitura única. O serviço que antes se restringia a uma atuação local e presencial agora é potencializado pela cibercultura. Cada um dos 63 educadores pode produzir conteúdo e disponibilizá-lo para estudantes e professores que estão vinculados às 23 bibliotecas das escolas. Assim, enquanto a atuação totalmente presencial física ficava limitada ao local geográfico, a quarentena e as possibilidades proporcionadas pelas tecnologias digitais têm mudado nossa maneira de ser e os processos do serviço de biblioteca.

Conforme Di Felice (2011-2012, p. 16), não podemos mais pensar as mídias como “ferramentas”, instrumentos a serem utilizados, pois, ao utilizarmos novos meios, passamos a desenvolver novos tipos de interação e experimentamos novas formas de interação social. Diante disso, é possível considerar que houve o estabelecimento de uma cultura de rede das bibliotecas, na rede internet e para a rede de colégios.

Referências

- Almeida Júnior, O. F. de e Santos Neto, J. A. (2014) Mediação de informação e a organização do conhecimento: interrelações. In *Revista Informação*, p. 98-116, http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716/pdf_25, maio./ago.
- Castells, M. (2007), *A sociedade em rede*, Paz e Terra, 10ª edição.
- Côrte, A. R. e Bandeira, S. P. (2011). *Biblioteca Escolar*, Briquet de Lemos, 1ª edição.
- Di Felice, M. (2012). *Redes Sociais Digitais, Epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social*. In *Revista USP*, p. 06-19.
- Durban Roca, G. (2012). *Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola*, Penso, 1ª edição.
- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*, Atlas, 4ª edição.
- International Federation of Library Association and Institutions (2015). *Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar*, IFLA, 2ª edição.
- Lemos, A. (2002). *Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI*, EDUFBA, 1ª edição.
- Prado, H. de A (1992) *Organização e Administração de Bibliotecas*, T. A. Queiroz Editor, 2ª edição.
- Silva, E. L. e Menezes, E. M. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*, Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 3ª edição.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*, Bookman, 3ª edição.